



CONSUMIDOS PELO FOGO

JAUME CABRÉ

CONSUMIDOS
PELO FOGO

TRADUÇÃO DE
Maria João Teixeira Moreno

Esta tradução teve o apoio de:

 institut
ramon llull
Língua e cultura catalã

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X X I I

© 2022, Edições Tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 – E.10
1750-149 Lisboa – Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

© Jaume Cabré, 2021

Título original: *Consumits pel foc*
Título: *Consumidos pelo Fogo*
Autor: Jaume Cabré
Tradução do catalão: Maria João Teixeira Moreno
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2022

ISBN 978-989-671-694-3
Depósito Legal n.º 501935/22

E depois?

Zvi Katz

...ist dies etwa der Tod?
[Será isto, afinal, a morte?]

Rahn da Baviera

Ou terá antes sido dito por Joseph von Eichendorff?

Para a Margarida

INCIPIT

Decerto já observaram, em alguma ocasião, de noite, o voo desordenado de uma falena, grande ou pequena, atraída pela luz de um candeeiro. Duas coisas podem suceder à pobre borboleta nocturna: ou, distraíndo-se com qualquer coisa, se afasta e se salva, ou se aproxima do candeeiro e, em enorme frenesim, anda às voltas, numa trajectória helicoidal cada vez mais rápida e mais próxima da lâmpada ou da chama, queimando-se imediatamente assim que toca nela. Uma espécie de imolação de si própria ao deus da luz. Quando a luz provém de uma lâmpada ou tem vidros que a protegem, a falena aproxima-se, entusiasmada, sem pensar nem em perigos nem em sacrifícios, passando razias a outras congéneres que tiveram a mesma ideia e orbitam, numa contradança desenfreada em redor do candeeiro. Então, uma osga de aspecto terno e pacífico, que por antigos pactos que não admitem discussão está de guarda na parede próxima do candeeiro, abre a boca e engole a falena atraída pelo sonho da luz daquele candeeiro. O campo de caça atrás do candeeiro, junto à parede, é uma pechincha que a osga tem de partilhar com outras suas iguais, também elas conhecedoras das vantagens da caça à espera, evitando a necessidade de andar em desagradáveis correrias pelas paredes da casa e chegar tarde a qualquer bichinho comestível. Com sorte, a osga chega ao fim do Verão com o

dobro do volume e do peso. E a presença das falenas nunca diminui, louvado seja Deus, de onde sairão tantas falenas atraídas pela luz? Pois bem, na história que vos quero contar, pensava ser meu o papel da osga (pacífica e terna), mas acabei por ser uma borboleta nocturna cinzenta deslumbrada pela claridade, uma borboleta alheia aos perigos inerentes à proximidade dos candeeiros e à terrível e mortífera eficácia da luz projectada nem que seja pela chama de uma simples vela.

Esta é a minha história, sim. Além de ser a história de mais alguns, sim. Ah, e chamem-me Ismael. Sim, sim, Ismael: leram bem. Sim, como o de Moby Dick. Que chatos! Sim, toda a gente mo diz. Mas eu não tenho nada a ver com isso; se quiserem, posso jurar. Mas acho que não é preciso.

Ismael nasceu no dia mais frio do ano. Era uma quarta-feira, e as poucas pessoas que andavam na rua às oito da tarde só pensavam em pôr-se a resguardo o mais depressa possível. Era o dia mais frio do ano e, quem sabe, da década. O pai de Ismael era flautista na Banda Municipal e copista profissional de partituras e das partes de vozes para várias orquestras. Contam que Rampal lhe encomendou várias cópias de umas cinquenta partes de vozes do seu repertório habitual e que, graças a essa encomenda, a família viveu desafogadamente por uns tempos. Dizem, mas ninguém jura sobre a Bíblia. Quando Ismael fez dez anos, o pai ainda era flautista e copista. E um belo dia o pai sentou-o à sua frente e disse meu filho, quero que saibas que nasceste do frio e que, por culpa do frio que se lhe entranhou no corpo, a tua pobre mãe e minha esposa apanhou uma pneumonia que quase a levou para o céu. Por tua culpa.

— Mas papá... Eu nem sabia!

— Não é preciso saber grande coisa — disse o pai com aquele tom autoritário que o fazia sentir-se importante — para se ser responsável pela desgraça dos outros.

O rapaz ficou pensativo, com os olhos rasos de lágrimas e reflectindo com tanta força que quase se ouvia a engrenagem do cérebro em funcionamento. E acabou por dizer mas a mamã não morreu de frio, papá.

— Lá nisso tens razão, não morreu de frio. Mas estava muito fraca.

— E eu tinha nove anos quando ela morreu.

— Nove anos?

— Foi no ano passado.

— No ano passado?

— Sim.

— Seja como for, foi depois de tu nasceres que ela ficou tão fraquinha que acabou mesmo por morrer. Fica a saber que a culpa foi tua.

Uma criança de dez anos não consegue pensar que o pai está a perder o juízo. Ismael só sentiu pena, e começou a chorar. E o pai resmungou ah, muito bem, ainda por cima pões-te a chorar. Imagina o que vai dizer a tua amiguinha do lado?

— Não me importa.

Era mentira, morreria de vergonha se Leo o visse ou ouvisse chorar.

A partir daquela conversa, a vida familiar em casa tornou-se muito difícil. Passaram meses e anos, e um dia o pai, farto daquele trabalho e precisando de descansar, segundo confessou ao médico, automutilou o indicador, ficando impedido de tocar flauta e de escrever partituras. Chegou mesmo a insinuar ser culpa do filho por não ter feito desaparecer as facas da casa. Antes de ser internado num manicómio, experimentaram dar-lhe um trabalho muito diferente para ver se o homem recuperava a razão. Surgiu um génio com a brilhante ideia de que a melhor maneira de o pai recuperar a razão seria trabalhando numa bomba de gasolina onde não ficaria a dar voltas à cabeça. Um dia, Ismael, já na fase em que vivia com curiosidade o nascimento de pêlos no corpo todo e a falta de controlo sobre a voz, com frequentes e inesperadas fífias que o faziam morrer de vergonha quando ouvidas por Leo, cada vez mais bonita, decidiu aparecer na

bomba de gasolina e o pai, que acabava de servir um Ford muito amolgado e tão sedento que parecia não querer deixar nada para mais ninguém, ainda com a mangueira em punho, encolheu os ombros com ar indagador; e como o miúdo nada dizia, teve de perguntar que raio estás tu aqui a fazer, em vez de estares na escola.

— Não foi culpa minha.

— De que é que estás a falar?

— Da morte da mãe. Nem do acidente do teu dedo.

— Bom, eu não disse que...

— Ah isso é que dizes! Estás sempre a embirrar comigo.

— Vai-te lixar.

— Está bem — disse o rapaz sem se mexer.

— Olha para ele, queres-te armar em esperto?

— Papá...

O pai apontou-lhe a mangueira e lançou um jacto de gasolina para o filho, que teve de se proteger atrás de um radioso Stromberg que nesse preciso instante entrava na bomba de gasolina. Ismael fugiu sem olhar para trás, mas ao voltar a casa ao fim do dia, após vaguear meio choroso pela cidade, encontrou uma senhora muito amável que lhe perguntou se era o Ismael; ele respondeu que sim, e ela, é que o teu pai...

— O que é que tem?

— Teve de ser internado.

— Não regula bem. Tem a caixa dos pirolitos avariada.

— Não fales assim. Está doente.

— Doente da cabeça. Queria queimar-me vivo.

— Já sabemos. Agora está a ser tratado e eu e tu precisamos de falar.

— De quê?

— Do que vamos fazer contigo. É sobre isso que temos de...

— O que é que quer dizer?

- Sabes... é que tu não podes viver sozinho.
- Há dois anos que vou às compras e que cozinho todos os dias.
- E onde é que arranjias o dinheiro?
- O pai põe-no no açucareiro... no antigo açucareiro.
- Pois então, agora vamos levar-te para um lugar onde vais ter tudo feito.
- Não quero ir para a prisão. O louco não sou eu, é o meu pai.
- Não, não, querido... — disse a senhora muito amável, sorrindo. — Nada de prisões. É um apartamento com outros três rapazes e um adulto.
- Nem morto, minha senhora.
- Naquela mesma noite, foi apresentado a quatro companheiros de residência indiferentes e ao monitor, que se chama Àlex. Estás a ver?
- Calhou-lhe um quarto com duas camas. A outra cama estava ocupada por um dos novos companheiros indiferentes, chamado Simó e que, pelos vistos, passava o dia a ler e demorou mais de uma hora a aperceber-se de que lhe tinha sido impingido um novo companheiro de quarto.
- Olá — disse-lhe Ismael pela terceira vez.
- Então, Simó levantou os olhos do livro e olhou-o em silêncio, bastante tempo. E, após um exame minucioso, colocou o marcador no livro, fechou-o e respondeu olá.
- No dia seguinte, Simó contou-lhe que os pais estavam presos por falsas acusações. E a ti, o que é que te aconteceu?
- A mamã morreu. Morreu de frio. Há muito tempo.
- Bolas! E o teu pai?

*

- Havia já alguns dias que lanchavam e fingiam fazer os deveres ao voltarem da escola, quando Ismael perguntou a Simó porque é que lês tanto?
- Porque gosto.
- E é um bom exemplo que todos deviam imitar, não acham? — perguntou o monitor, pousando os sacos das compras para meia semana.
- Que estucha — disse um ruivo quase albino que, segundo rumorejavam no apartamento, fora apanhado em partidas de póquer clandestinas. Porque a verdade é que nenhum dos residentes sabia exactamente por que razão os outros companheiros estavam no apartamento de Àlex. Todos se justificavam com respostas evasivas e desistiam de fazer perguntas quando percebiam como era desagradável ter de responder.
- Passados quinze dias, Ismael já lera um livro que Simó lhe emprestara e deixou-se levar pelo próprio Simó e por Àlex, qual ritual de iniciação, à biblioteca do bairro. Simó pôs-lhe à frente um calhamaço aberto na primeira página, e pousando o dedo no alto da página:
- O romance começa aqui. Lê em voz alta.
- Chamem-me Ismael — leu Ismael. E parou, assustado. Àlex escondeu um sorriso de satisfação e Simó perguntou se podiam requisitar aquele livro.
- Por que carga de água tinha Ismael ido parar àquele apartamento onde quase não havia discussões, que todos tinham vontade de deixar mas sem pressa, porque a vida no que restava da família, se é que lhes restava família, era uma alternativa quase suicida? Por puro acaso.
- É certo que Ismael leu a primeira página do romance umas trinta vezes. Mas nem de longe foi capaz de ler o romance todo, porque não achas que é uma chatice tantas coisas estranhas de barcos à vela e com mar por todos os lados e...

— Deixa estar. Não és obrigado a acabar nenhum livro. Só os que valem a pena.

— Isso quer dizer que Moby Dick é um livro mau?

— Não, quer dizer que tu ainda não estás preparado para...

— E quem diabo és tu para me dizeres se estou ou não estou preparado?

— Está bem, está bem. Tu é que sabes.

E concentrou-se no livro que estava a ler e que não era tão grosso como o de Ismael. E Ismael demorou alguns dias a dar o braço a torcer e pedir autorização a Àlex para ir à biblioteca trocar o livro por outro que não seja tão grosso, minha senhora. E aprendeu que era muito difícil discutir com Simó; ainda não percebera como era possível um rapaz tão equilibrado como aquele viver num apartamento de rapazes descarrilados. Bom, sabia que os pais estavam presos por falsas acusações.

— Simó? — perguntou Ismael numa tarde chuvosa de Primavera.

— Há? — perguntou o outro sem tirar os olhos do livro.

— Quais são as falsas acusações?

— Quais o quê?

— Sim, pá. Porque é que os teus pais...

Simó fechou o livro sem colocar o marcador, levantou-se e ferrou-lhe um murro no nariz, que sangrou durante um par de horas, apesar do algodão e da água oxigenada. Assim, com uma pancada seca, Ismael aprendeu a importância capital do silêncio nesta vida. Nem a vítima, nem o agressor, nem Àlex, nem os outros companheiros do apartamento consideraram necessário comunicar o incidente às autoridades de protecção à infância porque Ismael o ganhara a pulso, por pura estupidez. E além disso, com o corpo já todo coberto de pêlos, de criança já pouco tinha.

Quando acabou o secundário, percebeu que o apartamento de Àlex era uma excepção. Que a sorte que tivera

na vida não era o que o esperava na universidade, e sim ter ido parar a um apartamento gerido por regras diferentes. Na despedida, estavam os companheiros, nenhum dos quais era dos que o tinham recebido cinco anos antes, porque o tempo passa para todos excepto para Àlex, ainda sem nenhum cabelo branco. Antes de as aulas começarem, foi visitar o pai.

— Não, quero ir sozinho.

— Mas se quiseres, eu...

— Não, Àlex. Já te esqueceste do sermão que nos deste há umas horas para contar aos outros que me ia embora e eu sei lá o quê... Que foi o mesmo que deste quando o Simó se foi embora...

— Ouve lá, agora não comeses tu a criticar-me. Tu...

Abraçaram-se à entrada do hospital onde o pai de Ismael estava internado, sabendo que o mais provável era nunca mais voltarem a ver-se. E, sem se virar para um último aceno de despedida, Ismael entrou na instituição onde o pai entretanto aprendera a copiar partituras com a mão esquerda.

Estás a ver, rapaz?, disse o pai como se se tivessem visto dois dias antes. E mostrou-lhe uns gatafunhos ilegíveis que saíam do pentagrama e das margens com muito estilo. Ismael constatou a cara de orgulho e satisfação do pai. Ia com um discurso preparado, para lhe dizer maldito pai, estás maluco da tola, e esta é a última vez que te venho visitar porque, das outras três, foram os monitores que me obrigaram. Agora sei que podias ter feito de mim um autêntico desgraçado. Por sorte, não passo de um pobre homem que se quer recompor dos maus-tratos que me infligiste, mas nem sequer deves saber o que quer dizer infligiste. Encontrei boas pessoas que fizeram de meu pai; tu tentaste borrifar-me com gasolina. Mas isso ainda vá. O que nunca te hei-de perdoar é teres-me feito sentir responsável pela morte da mãe. Foram noites a

fiu em que me perguntei porque o fazias. Porque, é verdade, eu senti muito a falta da mãe. Ainda hoje, já adulto, sinto a falta dela. Resumindo: adeus, liberto-me das tuas amarras, vou à vida e logo me hão-de avisar quando morreres. A propósito, não estudei clarinete, nem flauta, nem nada dessas histórias. Vou para a Faculdade de Letras estudar latim e línguas germânicas, que tu nem sabes o que são. Resumindo: vai-te lixar. E encontrei trabalho numa escola. Mal pago, mas dá para não morrer de fome.

Em vez de lhe soltar o sermão, porém, Ismael deixou-se ficar em silêncio, pegou na folha que o pai lhe estendia e observou-a fingindo interesse, como se houvesse uma leitura possível para aqueles gatafunhos.

— Bom trabalho, pai.

Pelo menos numa coisa foi fiel ao seu propósito: não voltou a ver o pai até lhe comunicarem que tinha morrido. Na espécie de cerimónia de despedida, excepto ele, não havia ninguém. Nem era preciso. Começava agora a viver sem depender de outros.

*

E começou com um ordenado parco, mas seguro, ganho a dar aulas de latim e de literatura numa escola de línguas com um controlo rigoroso da qualidade das aulas leccionadas por professores baratos como ele, por não terem ainda acabado o curso. Já o que entendiam por qualidade das aulas era um mistério. Ismael constatou que tudo corria bem enquanto seguia o manual e fazia os alunos memorizarem o que nele se dizia. Até que, no dia em que levou um poema de Carner e o escreveu no quadro, recebeu uma advertência da directora, que o chamou ao seu temido gabinete e lhe disse, mas quem crê você que é, fitando-o na boca em vez de nos olhos.

- Como diz?
- Silêncio ofendido da directora. E ele, interessado em perceber, disse quem creio que sou o quê?
- A distrair os alunos com disparates.
- Que disparates?
- A escrever poemas no quadro, como os apaixonados.
- Era uma aula de literatura.
- De literatura espanhola. A literatura catalã está proibida.
- Pode proibir-se uma literatura?
- Não se faça de engraçado.
- Era um soneto excelente. Então, o que é que pretende que eu ensine?
- Nomes dos autores — batendo com a palma da mão na mesa. — Obras importantes, os nomes das correntes literárias e o mais importante de tudo: não fazer política nem meter-se em sarilhos. Quer que nos denunciem?
- Ismael levantou-se de repente. Manteve-se uns instantes de pé, sem saber o que fazer. A directora olhava-o, desafiante. E ele, sem ousar olhá-la nos olhos, disse eu ensino a ler.
- Errado. Os alunos já sabem ler.
- Meu Deus.
- Não blasfeme.
- Não blasfemo.
- Errado! No pronunciarás el nombre de Dios en vano*.
- Meu Deus...
- Fora.
- Como?
- Fora. Está despedido. Fora.
- Mas eu... E as aulas de latim? Não há ninguém que...
- Está despedido! Desapareça! Fora!

* Não invocar o santo nome de Deus em vão — em castelhano no original. (N. da t.)

CONSUMIDOS
PELO FOGO

DE JAUME CABRÉ

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso na Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 90 g/m²,
no mês de Julho de 2022.